



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE ALAGOAS**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL

FACULDADE DE LETRAS – FALE

LICENCIATURA DE LETRAS - LIBRAS

**LIBRAS SINALIZADAS EM DUAS CIDADES ALAGOANAS: sistematização,
registro, descrição e algumas reflexões**

Edson José Barbosa
Yanara Mota de Oliveira
Orientadora: Profa. Dra. Edineide dos Santos Silva

Maceió, 01 dezembro de 2022



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE ALAGOAS**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL

FACULDADE DE LETRAS – FALE

LICENCIATURA DE LETRAS - LIBRAS

**LIBRAS SINALIZADAS EM DUAS CIDADES ALAGOANAS: sistematização,
registro, descrição e algumas reflexões**

Edson José Barbosa¹
Yanara Mota de Oliveira²

Artigo elaborado no âmbito do TCC
apresentado como requisito para obtenção da
graduação em Licenciatura Letras/Libras da
Universidade Federal de Alagoas - UFAL,
Campus A. C. Simões.

Orientadora: Profa. Dra. Edineide dos Santos Silva³

Intérprete de Libras/Português e atua na rede estadual de ensino no Estado de Alagoas. Graduando em Letras-Libras Licenciatura/UFAL.

Graduanda em Letras-Libras Licenciatura/UFAL.

Professora Adjunta da graduação em Letras-Libras Licenciatura/UFAL. Doutora em Linguística pela Universidade de Brasília – UnB.

RESUMO:

O Brasil deve ser entendido pela sua pluralidade linguístico-cultural, pois é do entendimento dos linguistas brasileiros a existência de outras línguas - Línguas Indígenas orais e de sinais, Afro-brasileiras e as Europeias - ao lado do Português do Brasil. Entretanto apenas a Libras é reconhecida pela Lei nº 10.436, de 2002, como língua nacional, sinalizada por brasileiros - surdos e ouvintes. Essas línguas necessitam de pesquisas acerca dos fenômenos da variação. Para tanto, iniciamos este estudo preliminar diante da variação linguística da Libras, variedades sinalizadas em Palmeira dos Índios e em Maceió, no Estado de Alagoas, cujos objetivos são registrar, analisar e explicar as variações lexicais nessas variedades da Libras, assim como os fenômenos linguísticos e extralinguísticos envolvidos nos sinais. Este estudo entende que a variação é um fenômeno linguístico pelo qual duas formas – dois sinais – podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial/representacional, ou seja, com o mesmo significado (COELHO ET AL, 2015). Para essa investigação, recorreremos aos estudos teóricos sobre variedade, variação, variável e variante linguística (LABOV (1972); aos conceitos sociolinguísticos de comunidade de fala (GUY, 2001); entre outros. Quanto aos aspectos metodológicos, além da pesquisa bibliográfica conforme os pontos teóricos acima descritos; realizaremos pesquisa de campo para o registro de sinais em forma de vídeo, para isso a coleta de dados será realizada em três momentos: a) sinalização espontânea; b) contação de narrativas; e c) dados elicitados por meio de entrevistas. Esclarecemos que este estudo se encontra na sua fase inicial das consultas à comunidade surda – ouvintes e surdos – de Palmeira dos Índios e de Maceió. Os auxiliares de pesquisa sinalizam a Libras há, pelo menos, 10 anos, têm o nível superior incompleto, são dos gêneros masculino e feminino, entre 20 e 30 anos, com renda familiar acima de um e meio salário mínimo. Embora este estudo se encontre em fase inicial, serão possíveis alguns dados serem inseridos no momento da apresentação. Este estudo pretende revelar a importância dos estudos sociolinguísticos da Libras para o entendimento do funcionamento desse idioma, mas também seus resultados devem ser aplicados no ensino/aprendizagem da Libras como L1 e L2.

Palavras-chave: Variação lexical em Libras. Sinais de Maceió e em Palmeira dos Índios. Variação regional. Ensino de Libras.

1 INTRODUÇÃO

Iniciamos esta introdução falando do nosso interesse pela temática, o qual surgiu durante a disciplina eletiva de Sociolinguística, na qual realizamos um exercício investigativo segundo os estudos da variação linguística na Língua Brasileira de Sinais – Libras, sob a orientação da Profa. Dra. Edineide Silva, por meio da observação, registro, descrição e análise de algumas poucas variantes de sinais, o que nos despertou um estímulo maior sobre o entendimento do funcionamento da Libras e a compreensão de que não existem sinais “certos/errados” ou “feios/bonitos”, como somos acostumados a ver em comentários dos próprios falantes sejam surdos, sejam ouvintes e que isso é uma reprodução discursiva sem fundamentação científica a respeito de Libras e dos seus sinalizantes, além de ser uma forma perversa de perpetuar o preconceito linguístico pela comunidade surda brasileira.

Além disso, os estudos sociolinguísticos da Libras, despertou em mim, Edson José Barbosa, para a minha atuação de intérprete/tradutor de Libras/Português, como um facilitador na comunicação para que os ouvintes e os surdos se compreendam mutuamente, respeitando-se os contextos situacionais de fala e as particularidades regionais que cada falante e sinalizantes trazem consigo.

Para mim, Yanara Mota de Oliveira, a variação na Libras foi uma novidade, achava que o sinal não existia ou que era errado, com o tempo fui entendendo o que era variação, são outras formas de sinalizar que outros surdos ou ouvintes fazem e que há uma explicação para cada sinal e um porquê para cada pessoa fazer esses sinais diferentes.

Para nós dois, como futuros professores de Libras, é relevante aprofundar o nosso entendimento sobre a variação na Libras para planejarmos nossas aulas e termos práticas educacionais mais inclusivas e que não disseminem o preconceito linguístico na Libras.

Assim, entendemos que a Sociolinguística, como um ramo da Linguística, estuda a relação entre a língua e a sociedade cujo domínio se divide com a etnolinguística, da sociologia, da linguagem, da geografia linguística e da dialetologia. Nesse sentido, queremos entender essas relações da Libras e a

sociedade surda brasileira, aliada às práticas didático-pedagógicas, pensamento que justifica a relevância da nossa temática e investigação das variantes registradas e analisadas neste trabalho. Dessa forma, o nosso objetivo é registrar, analisar e explicar as variações da Libras sinalizada em duas cidades alagoanas no sentido de desvendar os fenômenos linguísticos e extralinguísticos envolvidos nesse fenômeno.

Quanto aos aspectos metodológicos, realizamos uma pesquisa bibliográfica de acordo com os principais termos e conceitos da Sociolinguística, adotados neste estudo para Libras; sendo a pesquisa de abordagem variacionista (LABOV, 2008) que norteou este trabalho por meio da pesquisa de campo para o registro de sinais em forma de vídeo, em três momentos: a) sinalização espontânea; b) contação de narrativas; e c) dados elicitados por meio de entrevistas. Os auxiliares de pesquisa sinalizam a Libras há, pelo menos, dez (10) anos, como primeira língua (L1) e realizamos um recorte metodológico, também orientado por Labov, quanto às determinantes extralinguísticas, posição geográfica do sinalizante, escolaridade, gênero, faixa etária e classe social para melhor entendimento do uso de uma variante em detrimento de outra.

Este artigo está dividido em 5 itens. No primeiro, temos esta Introdução; no Item 2, temos os principais conceitos teóricos; no Item 3, a metodologia detalhada da coleta e sistematização das variantes; no Item 4, registramos, de forma sequencializada e descrevemos cada uma dessas variantes; e, por fim, as nossas considerações finais, no Item 5, nas quais são apresentados os principais resultados deste estudo.

2 A SOCIOLINGUÍSTICA E SEUS TERMOS CONCEITUAIS

A **Sociolinguística** é, segundo Labov (2008), o ramo da linguística que estuda a relação entre a língua e a sociedade cujo domínio se divide com a etnolinguística, da sociologia, da linguagem, da geografia linguística e da dialetologia.

O termo **variável**, em Sociolinguística, ainda de acordo com Labov (1972 p.56), trata-se de uma classe de variantes que constituem, estas sim, duas ou mais formas concretas de uso. As variantes ordenadas ao longo de uma dimensão contínua são determinadas por uma ou mais variáveis independentes, de natureza linguística ou extralinguística. A Linguagem e sociedade estão ligadas entre si de

forma inquestionável onde podemos afirmar que essa relação é a base da constituição do ser humano na sociedade de um sistema oral, ou seja, de uma língua. Podemos observar que a relação entre linguagem e sociedade seja evidente por si só, nesse sentido, a linguística teve um papel decisivo na questão da consideração da relação linguagem-sociedade que representa uma língua, seja ela qual for, tem a função de permitir a comunicação entre os indivíduos. Essa é sua função primordial. Há uma relação direta e indissolúvel entre sociedade e língua ou língua e sociedade, que não permite que se pense em indivíduos vivendo conjuntamente sem o estabelecimento de comunicação entre si e, da mesma forma, não é possível a comunicação sem que haja uma convenção social a respeito dessa comunicação, o que chamamos de língua.

A língua é um fato social, no sentido de que um sistema convencional adquirido pelos indivíduos no convívio social que a linguagem com faculdade natural que permite ao homem constituir uma língua como um produto social, na linguagem é onde podemos encontrar uma língua, uma cultura e uma sociedade.

De acordo com Fishman (1970 p. 40), o objeto de estudos da sociolinguística é o estudo da língua falada/sinalizada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, ou seja, em situações reais do uso da língua. Encontrada na diversidade de variações linguísticas desenvolvidas na área da sociolinguística em um conjunto de fatores socialmente definido relacionado na diversidade linguística como: idade, sexo, ocupação, origem étnica e atitude ao comportamento linguístico.

Diante disso, a **variação** não pode ser vista como efeito do acaso, mas como um fenômeno cultural motivado pelos fatores linguísticos que a língua representa, a variação deve demonstrar como a língua se configura de acordo com a **comunidade de fala**.

Assim, **Variante** é utilizado para identificar a forma de que é usado de outra língua, sem se verifique mudança no seu significado básico na relação social, diante da situação do uso da fala, cabe o Sociolinguística descobrir os contextos que favorecem sua variação percebendo a fala de um mesmo grupo de falantes, diferentes grupos de falantes divididos segundo variáveis convencionais como exemplo de idade, sexo, escolaridade, etnia, nível social, etc.

Mas, não significa que a forma padrão não ocorra na fala não-culta; também, não significa que a forma não-padrão não pareça na classe dos universitários. Os contextos favorecem a variação, exemplo: idade, sexo, escolaridade, procedência,

etnia, nível socioeconômico a partir da frequência de uso das variantes. Os conjuntos das variantes denominam-se grupos de fatores ou variável linguística.

Uma variável pode ser binária, como a de um número singular e plural com duas variantes ou eneária, com três ou mais variantes. As variáveis extralinguísticas envolvem: gênero, como as variantes masculino e feminino; idade etc.

Dessa forma, o estudo dos processos de variação e mudança permite estabelecer três tipos de variação linguística: variação regional; variação social e variação de registros. Assim, podemos identificar a variação em todos os níveis da língua. Por exemplo: nível lexical, nível gramatical e nível fonético-fonológico.

Na dimensão propriamente social estão as diferenças linguísticas verificadas com a comparação entre o dialeto padrão considerado correto superior, puro e os dialetos não-padrão considerados incorretos, inferiores, corrompidos. A **variante padrão** é ensinada na escola e valorizada pelos os membros da sociedade, tantos pelos que a dominam como pelos que gostariam de dominá-la, posto que sabem da sua importância para se adquirir prestígios. Enquanto no contexto situacional, a língua é uma estrutura maleável, representa variações. Nem tudo é variação havendo números enormes de elementos comuns que não são estáveis.

Esses fatores são considerados principalmente essenciais para o estudo linguístico, no entanto, o homem adquire a linguagem, dela é utilizada dentro de uma comunidade de fala de acordo com seus aspectos sociais, tendo como objetivos a comunicação com os indivíduos. Muitos linguistas procuram relatar a relação entre língua, cultura e a sociedade considerados principais precursores da sociolinguística. As pessoas provenientes de diferentes classes sociais falam dialetos bastante diferentes. Como na língua de sinais, essa variação ocorre de acordo com sua região ou lugar em que se fala, podemos ver alguns exemplos de sinais, a palavra **PAI**, de um lugar para outro. Nas sociedades em que é nítida a separação de classes sociais e econômicas a relação entre língua e as classes sociais se verificam com bastantes evidências.

As funções sociais entre homens e mulheres se aproximam a uma diferença de linguagem de um para o outro observe: como ilustramos com os falantes ouvintes de Língua Portuguesa em que a fala do marido “Esta é minha mulher!”, no caso da mulher deve-se evitar a seguinte frase “Este é o meu homem!”, pois em determinado contexto, soa vulgar. Além disso, pesquisadores dos estudos sociolinguísticos mostram que as mulheres têm o uso da forma padrão de uma língua com maior

frequência do que os homens, isto é, as mulheres falam mais conforme as normas, em todos os sentidos, inclusive no que se refere ao comportamento linguístico.

Quanto à **variação geográfica ou diatópica**, está relacionada às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico e a variação social ou diastrática, por sua vez, relaciona-se a um conjunto de fatores que têm a ver com a identidade dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade de fala.

A respeito da **variação lexical** é um dos modos como uma língua pode variar. Em uma língua um mesmo vocábulo pode ser pronunciado (oralizado ou sinalizado) de formas diferentes, seja conforme o lugar—variação diatópica seja conforme a situação (mais formal ou mais informal) em que se está falando—variação. A **mudança linguística** é algo que pode ser percebido de mais de uma forma. Uma delas é o contato com pessoas de outras faixas etárias. Quanto maior a diferença de idade, maior a probabilidade de encontrarmos diferenças na forma de falar de duas pessoas.

A **comunidade de fala**, apesar de o indivíduo possa utilizar variantes, é no contato linguístico com outros falantes de sua comunidade que ele vai encontrar os limites para a sua variação individual. Ao estudar qualquer comunidade linguística, a constatação mais imediata é a existência de diversidade ou da variação. Nesse sentido, para Labov (1960), comunidade e linguística são conjuntos de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham em um conjunto de normas com respeito ao uso linguístico que se refere a uma comunidade de fala que se caracteriza não pelo fato de constituir com pessoas que falam da mesma maneira, mas por indivíduos que se relacionam por meio de redes comunicativas diversas, e que direcionam seu comportamento verbal por um mesmo conjunto de regras. Qualquer língua, falada (oral ou sinalizada) por qualquer comunidade exibe sempre variações. Isso significa dizer que qualquer língua representada por um conjunto de variedades linguísticas são comunidade de fala. Percebemos que os falantes adquirem as variedades linguística própria a sua região, referente sua classe social e outros fatores extralinguísticos e linguísticos também. Dentro dos estudos na sua perspectiva geral, podemos descrever as variedades linguísticas entre dois parâmetros básicos: a variação social, ou seja, diastrática e a variação geográfica, ou seja, diatópica.

A **Varição social ou diastrática** está relacionada a um conjunto de fatores que tem a ver com a identidade dos falantes, neste sentido, podemos perceber os seguintes fatores relacionados às variações de natureza social, a classe social, idade, sexo, situação ou contexto social é percebido, segundo os grupos (ou classes) sociais envolvidos, tal como uma conversa entre um orador jurídico e um morador de rua. Exemplo desse tipo de variação são os socioletos. Já variação geográfica ou diatópica está relacionada às diferentes linguísticas distribuídas no espaço físico, ou seja, o lugar entre falantes de origens distintas, está relacionada com o local em que é desenvolvida, tal como, as variações entre o português do Brasil e de Portugal, chamadas de regionalismo como falantes de uma cidade para outra. Uma sociedade pode ser considerada propícia a utilizar variedade linguística diferente ou a mesma que cada grupo social estabelece um contínuo de situações das quais polos extremos e dissemelhantes são representados pela **formalidade e informalidade**. Entende-se que a **formalidade** é o meio de comunicação que preserva algumas convenções e protocolos, sempre respeitando as normas cultas da Língua Portuguesa. Geralmente, é utilizada para comunicação com autoridades e superiores em organizações, em conferências, palestras e seminários, documentos oficiais e discursos públicos. Envolve comunicação entre pessoas que não se conhecem ou possuem pouca ou quase nenhuma afinidade. No caso da **informalidade**, por outro lado, preza pela descontração e pelo relaxamento quanto às regras gramaticais. Permite o uso de palavras mais simples, abreviadas e até gírias. É muito utilizada na comunicação entre amigos, colegas, familiares e pessoas com alto grau de envolvimento e relacionamento. O uso do estilo formal, em relação ao informal, requer uma atuação mais consciente. As variedades linguísticas são utilizadas pelos participantes das situações que devem ser correspondentes às expectativas sociais convencionais, o falante que não atender às conversações pode receber alguns tipos de punição que é representada por uma expressão facial.

Quanto à **Variedade padrão** de uma comunidade, refere-se ao resultado de uma atitude social ante a língua, que se traduz, de um lado, pela apuração de um dos modos de falar entre os vários existentes de uma comunidade e, de outro, pelo o qual estabelecimento de um conjunto de normas que se definem o modo correto de falar e suas regras do bom uso correspondentes aos hábitos linguísticos dos grupos socialmente dominantes.

2.1 A SOCIOLINGUÍSTICA DAS LÍNGUAS DE SINAIS

Quanto aos estudos da **variação nas línguas de sinais**, temos, segundo Xavier (2019, p. 55), registros de variantes de alguns itens lexicais por Stokoe (1960) sobre a Língua de Sinais Norte-americana (ASL, do inglês *American Sign Language*); um dicionário e um apêndice, resultados de um estudo com 134 sinais, coletados em cinco estados do nordeste dos Estados Unidos, realizado por Stokoe, Casterlinee e Croneberg (1965) também com ASL, demonstrando o fenômeno da variação e sugerindo a existência de dialetos diferentes para ASL, na Virgínia e na Carolina do Norte e de outro dialeto comum em Maine, Vermont e New Hampshire. Esses estudos revelam que o parâmetro Configuração de Mão (CM) é o mais produtivo quanto à variação, nesse idioma. A variação encontrada no parâmetro Ponto de Articulação (PA) é destaque dos estudos de Schembri e Johnston (2012) com a Língua de Sinais Neozelandesa - NZSL

Outros estudos sobre o fenômeno da variação em línguas sinalizadas em diferentes partes do mundo são apresentados por Xavier (2019), apenas para fins ilustrativos, pois não esgotamos essa literatura aqui, na Língua de Sinais Sul-Africana – SASL, o destaque é para variação no nível lexical, estudo feito por Reagan (2006), aponta 11 variantes para um sinal, levando os linguistas a investigar se a SASL não é uma única língua, mas, sim, um conjunto de línguas aparentadas, porém distintas.

Dito isso, vamos aos pesquisadores brasileiros que iniciaram os trabalhos descritivos acerca do fenômeno **Variação na Língua Brasileira de Sinais** - a Libras, salientamos que não iremos “esgotar” aqui as fontes literárias, apenas citar as mais relevantes do ponto de vista dos estudos linguístico-descritivos e, assim, temos: Faria-Nascimento (2009), embora o foco seja o estudo das unidades lexicais com vistas a organizar obras lexicográficas na Libras e suas regras de entrada, a autora apresenta um inventário⁴ para o parâmetro Configuração de Mãos (CM) que considera alofonias; Castro-Junior(2011), registro de sinais-termo e suas variantes no contexto da política brasileira; depois o mesmo autor, em 2014, defendeu sua tese de doutorado com os estudos sobre registro de sinais-termo e suas variantes

⁴ A descrição das variantes deste estudo segue esse inventário, conforme pode-se verificar no Item 4 SISTEMATIZAÇÃO, REGISTRO E DESCRIÇÃO DOS SINAIS-VARIANTES.

na Libras com vistas à criação de um Núcleo de Pesquisa em Variações Regionais dos Sinais da Libras – VARLIBRAS, os três trabalhos defendidos na Universidade de Brasília, UnB; depois dessas teses, surgiram vários artigos com registros da variação, sem maiores sistematização, limitando-se a considerar a variação à região dos falantes, quase 90% deles, conforme ressalta Xavier (2019, p.61), poucos explicam as variações fonéticos-fonológicas, lexicais, o grau de formalidade/informalidade, e a estilística da Libras.

2.2 A ESTRUTURA GRAMATICAL DA LIBRAS: BASE PARAMÉTRICA

Quanto à estrutura gramatical da Libras e os elementos linguísticos que sofrem variação, resumidamente, são os parâmetros, isto é, a base paramétrica gramatical, os quais se fazem necessários que os futuros professores tenham conhecimento desses elementos linguísticos, bem como de suas funcionalidades comunicativas, pois eles estão numa relação direta na constituição dos sinais, na elaboração da sintaxe, dos diversos discursos e da pragmática nos atos de fala de cada falante/sinalizante da Libras.

Nesse sentido, de acordo com os estudos de Ferreira Brito e Faria-Nascimento, apontados por Silva et al (2020, p. 240), a base paramétrica da Libras é apresentada em parâmetros principais, a saber: Configuração de Mão (CM), Ponto de Articulação (PA), Movimento (M), pois são formadores de unidades lexicais simples; e parâmetros secundários Orientação (O) e Expressões Não Manuais (ENM) ou complementares. Para esses autores, os parâmetros estão diretamente relacionados à constituição e construção dos sinais e para compreender o léxico da Libras, faz-se necessário entender cada um deles, conforme Silva et al (2020, p. 243), os elenca e os explica a seguir:

- I. Configuração de Mão (CM) - diferentes formas que as mãos adquirem na realização dos sinais;
- II. Ponto de Articulação (PA) - poder ser no corpo ou em outros espaços de sinalização, sendo o espaço neutro ou mais citado;
- III. Movimento (M) - o sinal pode ou não ter movimentos;
- IV. Orientação (O) - o sinal pode ou não ter uma direção;
- V. Expressões Não Manuais (ENM) - são expressões faciais e corporais

(SILVA, E. dos Santos e tal, 2020, p. 243).

Em relação às propostas de configuração de mão (CM), existem, ainda segundo Silva et al (2020, p. 245), quatro principais propostas de inventários, mas

ressaltamos que nosso trabalho seguirá a proposta de Faria-Nascimento (2009 apud SILVA et al, 2020, p. 247), a qual apresenta 75 CM, conforme apresenta a Figura 1.

Figura 1: Inventário de Configuração de Mão para a Língua de Sinais Brasileira



Fonte: Faria-Nascimento (2009, apud SILVA, 2020)

Como podemos observar, as CMs apresentam um grau de abertura das mãos, o qual vai do mais fechado, fechado, aberto e mais aberto. Dessa forma, nossos sinais-variantes serão descritos a partir desse inventário pelas mesmas razões que Silva et al (2020) destaca essa sistematização e hierarquia no parâmetro configuração de mãos, proposta por Farias-Nascimento (2019) e ressaltado por Silva et al (2020) ao registrar alofones de CM nesse modelo de inventário.

3 METODOLOGIA

Quanto aos aspectos metodológicos, realizamos uma pesquisa bibliográfica acerca dos principais termos e conceitos da Sociolinguística, adotados neste estudo para a Libras; sendo a pesquisa de abordagem variacionista (LABOV, 2008) que norteou esta pesquisa por meio da pesquisa de campo para o registro de sinais em forma de vídeo, em três momentos, a saber:

- a) sinalização espontânea;

b) contação de narrativas;

c) dados elicitados por meio de entrevistas.

Os auxiliares de pesquisa sinalizam a Libras há, pelo menos, dez (10) anos, como primeira Língua (L1), ou seja, são surdos, têm o nível superior incompleto, são dos gêneros masculino e feminino, entre 20 e 30 anos, com renda familiar acima de um e meio salário mínimo.

O auxiliar de pesquisa R.B.S. reproduziu alguns sinais-variantes no nosso Laboratório de Gravação, Sala Azul, no Prédio de Letras Libras – UFAL e outros na própria residência, ainda nos anos de 2018 e 2019, antes da pandemia da doença Covid-19, tem idade de 22 anos, usa a Libras há 14, é natural de Palmeira dos Índios, no Estado de Alagoas, descendente indígena, escreve português, sendo bilíngue, está cursando graduação em Letras-Libras na Universidade Federal de Alagoas – UFAL, reside no Tabuleiro dos Martins, em Maceió. O equipamento para gravação foi um celular da marca Iphone, modelo 5s.

Para o registro e sistematização dos dados, utilizamos a sequencialidade⁵ do sinal-variante, mostrando o passo a passo para a realização do sinal-variante, acompanhados de números sequenciados e nomeados por uma tradução livre em português com caixa alta, seguidos pela descrição, de acordo com a base paramétrica da Libras para a realização de cada dado, conforme veremos no Item 4, a seguir.

4 SISTEMATIZAÇÃO, REGISTRO E DESCRIÇÃO DOS SINAIS-VARIANTES

Neste item, faremos o registro e a descrição a partir da base paramétrica da Libras, a saber: Configuração de Mãos (CM); Ponto de Articulação (PA); Orientação da Palma da Mão (O); Movimento (M) e as Expressão não manuais facial/corporal (E):

Assim, depois das descrições de cada uma das variantes, podemos, nas Considerações Finais, fazermos a análise sociolinguística dessas variantes registradas e descritas aqui com vistas às condicionantes linguísticas (níveis fonético-fonológico, morfossintático, lexical, semântico-pragmático, discursivo) e às

condicionantes extralinguísticas, conforme conceituamos no Item 2 Conceitos teóricos.

¹ A sequencialidade é um recurso metodológico para a apresentação dos sinais em Libras quando não é possível a reprodução dos vídeos, utilizados por muitos pesquisadores, e que está sendo aperfeiçoado por SILVA (PRELO) exclusivamente para os sinais lexicais.

Quanto à apresentação das variantes, nomeamos e numeramos no formato Dado 1, Dado 1', Dado 1'' para o sinal-variante FEZES; Dado 2, Dado 2', Dado 2'', para o sinal-variante CHORAR e assim por diante, seguidos pela descrição e pela geografia, cidades em que essas variantes são sinalizadas. Veja-as:

Dados 1: FEZES, em Maceió-AL



Fonte: produzido pelos autores

Descrição: apresenta configuração de mão (CM) de número 01, com o ponto de articulação (PA) no antebraço sobre o punho do lado esquerdo do tórax configuração (CM) de mão de número 02 orientação (O), com sentido para abaixo em Movimento (M) finalizando até o cotovelo este sinal pode ser feito em qualquer posição seja direito ou esquerdo o sinal não altera, expressão não manuais (E) não apresenta expressão facial é neutra.

Dados 1': FEZES, em Maceió-AL e Palmeira dos Índios-AL



Fonte: produzido pelos autores

Descrição: O sinal produzido de acordo com a imagem acima define a configuração de mão (CM) de número 7, ponto de articulação (PA) começa na parte do tórax do lado direito, orientação (O) acerta indicando para baixo, movimento (M) deslizando na lateral até o abdome, expressão não manuais (E) apresenta face neutra.

Dados 1": **FEZES, em Palmeira dos Índios**



Fonte: produzido pelos autores

Descrição: Este sinal é produzido usando os parâmetros com Configuração de mão (CM) de número 20 com a mão direita inclinada, com a esquerda configuração de mão (CM) de número 35 ponto de articulação (PA) no antebraço dobrado para cima de apoio orientação (O) CM 35 abaixo do cotovelo com a direção para os lados movimento (M) sentido aberto para o lado com expressão não manual (E) expressão com a boca cheia de ar da lateral saindo ar para fora.

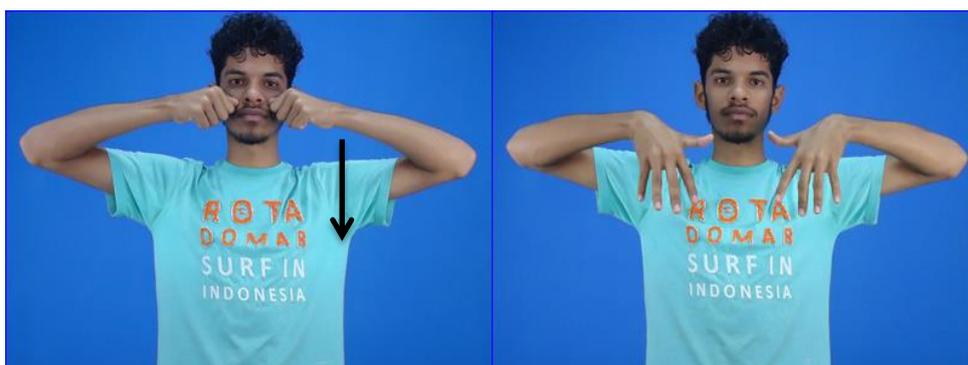
Dados 2: **CHORAR, em Maceió – AL.**



Fonte: produzido pelos autores

Descrição: Este sinal foi produzido com a Configuração de mão (CM) de número 14 no ponto de articulação (PA) na face abaixo dos olhos na Orientação (O) em direção para frente com o Movimento (M) rápido no sentido inclinado com os dedos sobe e desce terminando e formando a configuração de mãos (CM) de número 15 a Expressão não manuais (E) é apresentada pela face neutra.

Dados 2': **CHORAR, em Palmeira dos Índios-AL**



Fonte: Produzido pelos autores

Descrição: Este sinal é produzido usando parâmetros configuração de mãos (CM) de número (1) no ponto de articulação (PA) na face abaixo dos olhos na orientação (O) no sentido da direção para baixo em movimento (M) soltando os dedos na posição da configuração de mãos (CM) de número 64 aberto com expressão não manuais (E) é apresentado pela face neutra.

Dados 2'': **CHORAR, em Maceió-AL e Palmeira dos Índios-AL**



Fonte: produzido pelos autores

Descrição: configuração de mãos (CM) de número (2) indica o ponto de articulação (PA) fica localizado na parte da face na orientação (O), no sentido para

cima e para abaixo com movimento (M) com a expressão não manuais (E) face é representada na figura neutra.

Dados 3: **SEXO**, em Maceió-AL e Palmeira dos Índios-AL



Fonte: produzido pelos autores

Descrição produzido do sinal apresentado da figura acima mostra de seguinte forma configuração de mão (CM) de número 39 com posição de 2 antebraços mantendo um espaço ponto de articulação (PA) localizado na parte central do tórax orientação (O) da certa diaconal para baixo e para cima movimento (M) rápido expressão não manuais (E) neutra.

Dado 3': **SEXO**, em Maceió-AL



Fonte: produzido pelos autores

Descrição do sinal produzido apresentado da figura acima configuração de mãos (CM) de número 46 da mão direita e configuração de mãos (CM) de número 2 da mão esquerda de apoio (Boia) ponto de articulação (PA) na localização da parte central do tórax, orientação (O) os 2 antebraços separados, movimento (M) rápido e a expressão não manuais (E) neutra.

Dados 3'': **SEXO, em Maceió-AL**



Fonte: produzido pelos autores

Descrição: realizado com expressões faciais, bochecha inflada (PA) com movimentos (M) de dentro para fora.

Dado 3.'': **Sexo, em Maceió-AL e em Palmeira dos Índios**



Fonte: produzido pelos autores

Descrição: Este sinal foi produzido com 2 configuração de mãos (CM) de número 16 na posição horizontal dos lados ponto de articulação (PA) de frente ao tórax com a orientação (O) sentido para cima e para baixo alternando as duas CM, movimento (M) rápido em várias vezes, expressão não manuais (E) neutra .

Dados 4: **PAI, em Maceió-AL**



Fonte: produzido pelos autores

Configuração de mão (CM): número 11 cópias do Português escrito, empréstimo linguístico: P-A-I, datilologia, ponto de articulação (PA) no lado da boca, orientação (O) localizado no sentido para frente do lado da face, movimento (M) de acordo (CM) de número 38 no término da datilologia, expressão não manuais (E) apresenta sua face de forma neutra.

Dados 4': **PAI, em Maceió-AL e Palmeira dos Índios-AL**



Fonte: produzido pelos autores

Descrição: Este sinal é produzido configuração de mãos (CM) número 51 eleva a mão ao queixo com uma configuração de mão número 2S ponto de articulação (PA) localização na face da parte do queixo orientação (O) com olhar direcionado para frente, o movimento (M) descendo e girando para o punho do dorso da mão até a boca e beija terminando configuração de número 2, expressão não manuais (E) apresenta de forma neutra.

Dado 4'': **PAI, em Palmeira dos Índios - AL**



Fonte: produzido pelos autores

Descrição: Este sinal é produzido configuração de mãos de número 15 de acordo com (Farias-Nascimento) o ponto de articulação (PA) sua localização fica entre o nariz e a boca na face simbolizando bigode do homem orientação (O) sentido para frente e para trás, movimento (M) rápido entre o nariz e a boca, expressão não manuais (E) expressão facial neutra.

Dado 5: INTERVALO, em Palmeira dos Índios - AL



Fonte: produzido pelos autores

Descrição: Este sinal é produzido de acordo com a figura acima configurações de mãos (CM) são apresentados com 2 (CM) de número 64 iguais ponto de articulação (PA) localização na parte das laterais do tórax do lado direito e do lado esquerdo, orientação (O) sentido dos dedos aleatório para baixo e para cima, movimento (M) com os dedos sentido de movimento acelerado, expressão não manuais (E) apresenta face neutra.

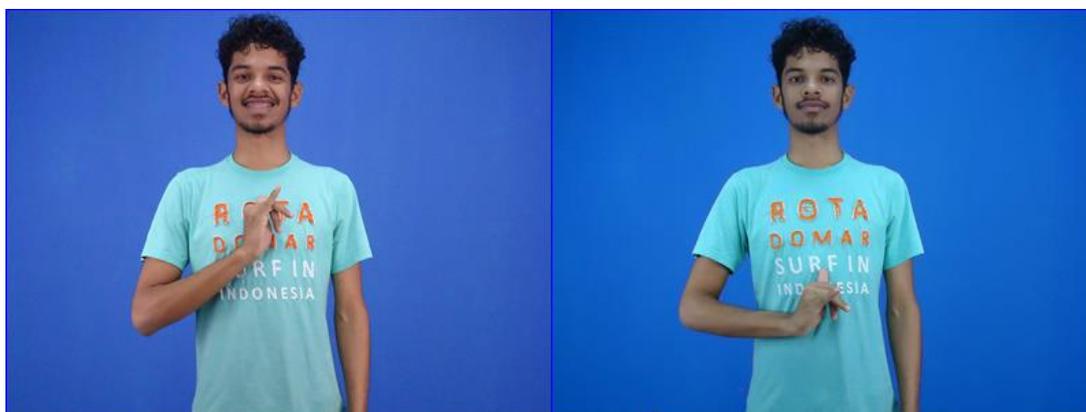
Dados 5': **INTERVALO, em Palmeira dos Índios - AL**



Fonte: produzido pelos autores

Descrição: O sinal produzido da figura acima contém 2 configurações de mãos (CM) de número 64 ponto de articulação (PA) inicia na parte do tórax (Peitoral) com orientação (O) seguindo a certa das mãos aberta para baixo até o abdômen, movimento (M) descendo e subindo devagar em movimento, expressão não manuais (E) contém neutra.

Dados 5'': **INTERVALO, em Maceió-AL**



Fonte: produzido pelos autores

Descrição: este sinal é produzido na figura acima configuração de mão (CM) de número 40 de acordo com (Farias-Nascimento) ponto de articulação (PA) inicia na parte de apoio com (CM) de frente entre o tórax (peitoral), orientação (O) sentido da certa para baixo e para cima, movimento (M) rápido expressão não manuais (E) apresenta expressão feliz e ao mesmo tempo de alívio.

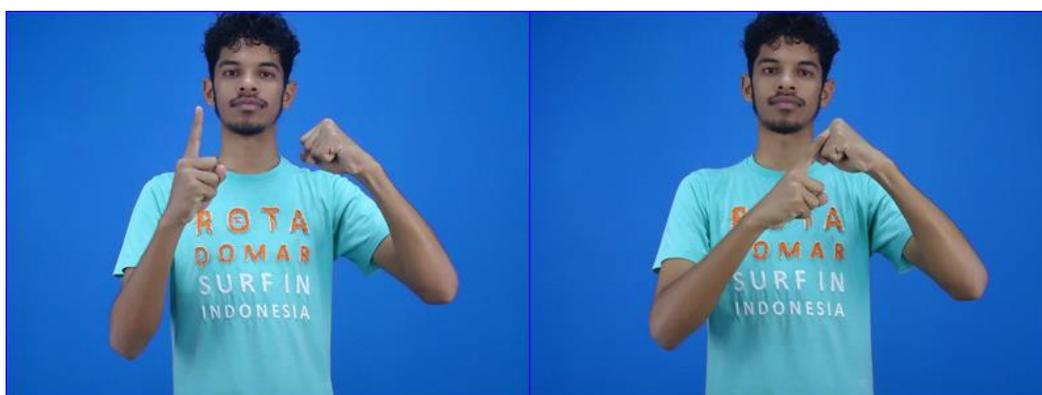
Dados 5^o: INTERVALO, em Maceió-AL



Fonte: produzido pelos autores

Descrição: Este sinal é produzido com 2 configurações de mãos (CM) uma de número 63 e outra de número (?) ponto de articulação (PA) uma mão, a palma aberta para cima e a outra deitada e outra com a mão do dorso para frente orientação (O) uma (CM) entre os dedos com mão esquerda em apoio movimento (M) sentido para os lados entrando e saindo entre os dedos expressão não manuais (E) neutra sentido de face normal.

Dado 5^o: INTERVALO, em Maceió-AL e em Palmeira dos Índios-AL



Fonte: produzido pelos autores

Descrição: Este sinal é produzido configuração de mão (CM) de número 14 e configuração de mão (CM) de número 2, ponto de articulação (PA) localizado na frente do tórax, orientação (O) é apresentado entre os espaços de uma mão para outra, movimento (M) toque dos dedos duas vezes, expressão não manuais (E) apresenta face de expressão neutra.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados apresentados e dos critérios, observamos que os dados de alguns sinais são específicos de Maceió e outros de Palmeira dos Índios, que encontramos variedades linguísticas. Observando como se realiza a análise do uso da fala do auxiliar de pesquisa, poder-se-ia que o trabalho do sociolinguística seria um tanto braçal, uma vez que ele teria a tarefa de estabelecer os limites de uma comunidade de fala, estudando a proporção com que diferentes variantes linguísticas são usadas em diferentes comunidades tanto em Maceió e Palmeira dos Índios e verificamos que comunidades são, linguisticamente, mais próximas e encontramos o resultado de variação linguística .

Diante das descrições dos dados apresentados, podemos afirmar a existência de variantes linguísticas, no nível Lexical da Libras sinalizada em Maceió e em Palmeira dos Índios, podemos também explicá-las por meio do critério da variação regional. Entretanto, ainda estamos investigando se as variações podem indicar mudança linguística em curso, pois registramos mais de uma forma para o mesmo sinal numa mesma cidade.

No Brasil, sabemos da existência de uma língua de sinais que chamamos Língua Brasileira de Sinais – a Libras, mas não sabemos ainda quantas Libras temos dentro desse grande rótulo, pois as pesquisas sobre os estudos da variação são poucas e ainda insipientes. O território brasileiro é do tamanho de um continente, não que o tamanho geográfico de um país influencie em maior ou em menor grau o fenômeno da variação linguística, mas dificulta o trabalho de linguistas quanto para viagens de campo, observação e registros das variantes existentes que em diferentes níveis linguísticos e em diferentes posições geográficas vão revelar os dialetos da Libras, a Libras urbana e a Libras rural e também se temos mais que uma língua de sinal brasileira, pesando no grande rótulo “Libras”, não estamos ainda falando aqui das línguas de sinais indígenas brasileiras, as quais também carecem de investigação científica por parte dos universitários e linguísticas brasileiros.

Esta pesquisa nos fez entender o funcionamento dessa Libras sinalizada em duas cidades alagoanas acerca do fenômeno linguístico da variação, antes desconhecido por nós, falantes de Libras e que, agora, entendemos que a variação é um fenômeno linguístico, como dito, pelo qual duas formas – dois sinais – podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial/representacional, ou

seja, com o mesmo significado (COELHO et al, 2015) e, é nesse sentido que provamos e estamos registrando, nesse primeiro momento, a variação lexical da Libras, variedades sinalizadas em Maceió e em Palmeira dos Índios – AL e, que pretendemos levar para as atividades didático-pedagógicas no ensino-aprendizagem desse idioma como formas de enriquecimento e expansão lexicais dos aprendizes e o mais importante: combater o preconceito linguístico que alguns falantes cometem mediante o sinalizar do outro.

6 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, D. Estilo e Autoria. In: **Análise Forense de Autoria Textual: Estilos Sociais e Individuais**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália**. Novela Sociolinguística. 4. Ed. São Paulo: Contexto, 1999.

BORTONI, M. CONTRIBUIÇÕES DA SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL AO PROCESSO DE LETRAMENTO NO ENSINO FUNDAMENTAL.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua: a sociolinguística na sala de aula**. 6.Ed. São Paulo, 2009.

_____. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística & Educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

_____. **Diversidade linguística: uma nova abordagem no processo educacional**. Revista Brasileira de tecnologia. Vol. 12, nº 4, out/dez, 1991.p.33-38.

BELINE (MENDES), R. **A variação linguística**. In: FIORIN, J. L. Introdução à Linguística I: objetos teóricos. São Paulo: Contexto.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998a.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais ensino médio: Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998b.

CAMACHO, R. G. **“Uma reflexão crítica sobre a teoria sociolinguística.”** DELTA, vol. 26(1), 141–162, 2010.

CASTRO JÚNIOR. Gláucio de. **Variação linguística em Língua de Sinais Brasileira: foco no léxico**. Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em Linguística do Mestrado em Linguística da Universidade de Brasília, 2011.

CHAGAS, P. **A mudança linguística** In: FIORIN, J. L. Introdução à Linguística I: objetos teóricos. São Paulo: Contexto. Várias Edições.

FARACO, C. A. **Norma-padrão brasileira**: desembaraçando alguns nós. In: BAGNO, M. Linguística da Norma. Asso Paulo: Loyola.

FARIA-NASCIMENTO, Sandra Patrícia de. Tese de Doutorado: **Representações lexicais da Língua de Sinais Brasileira**: uma proposta lexicográfica. 2009. UnB.

FIORIN, José Luiz (org.) **Introdução à Linguística** - São Paulo: Contexto, 2002.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 1978.

HYMES, D. **Foundations in Sociolinguistics**: an ethnographic approach. Philadelphia: University of Pennsylvania, Press, 1974.

GÖRSKI, E.M; COELHO, I. L. **Variação linguística e ensino de gramática**. Florianópolis, 2009.

HYMES, D. **Foundations in Sociolinguistics**: an ethnographic approach. Philadelphia: University of Pennsylvania, Press, 1974.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução do inglês de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LEMLE, M. **Heterogeneidade dialetal**: um apelo a pesquisa. In: LOBATO, L. (Org.). *Linguística e ensino do vernáculo*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1978.

MARCUSCHI, L. A.; DIONISIO, A. P. **Fala e Escrita**. MEC, CEEL. S.d.

MOLLICA, M.C.; Braga, M.L. (orgs). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.

MOURA NEVES, Maria Helena de. **As duas grandes correntes do pensamento linguístico**: funcionalismo e formalismo. In: _____. *A gramática funcional*. 1 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 39 a 53.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES Anna Christina (orgs.) **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras, v. 1/– 6.ed. – São Paulo: Cortez, 2006.

RBLA, Belo Horizonte, v14.n4,pg. 1073-1094,2014

SILVA, Edineide dos S. **Libras contra a Covid-19**. Projeto de extensão cadastrado no sistema SIGAA-UFAL. Período de execução: de maio a setembro de 2020, Maceió-AL, 2020.

SILVA, Edineide dos S. et ali. **Contribuições dos estudos lexicais**: produção de videográficos bilíngues durante a pandemia da Covid-19 pela/na comunidade surda. Maceió- AL, n. 67, set./dez. 2020 ISSN 2317-9945. Dossiê Linguística Aplicada, p.

238-254. Disponível em
<<https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/issue/view/553/showToc>> Acesso em: 30 de janeiro.

SILVA, Alan David S. **Varição fonológica e lexical em Libras**. Dissertação (mestrado em Linguística e Literatura) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura. Maceió, 2020.

TRASK, R.L. **Dicionário de Linguagem e Linguística**/R.L. Trask. Dictionnaire de Linguistique Librairie Larousse, 1973
<<https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/issue/view/553/showToc>> Acesso em: 30 de janeiro.

TARALLO, F. (1985) **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática.

XAVIER, A. N. **Panorama da variação sociolinguística nas línguas sinalizadas**. Claraboia, v. 12, 48-67, 2019. Disponível em:<<http://seer.uenp.edu.br/index.php/claraboia/article/view/1538>>. Acesso: 20/02/2022.